

REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS IMAGENS DO LIVRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PORTA ABERTA

Inayara de Holanda Caldas¹
Eunice Florentino de Almeida²
Fabiana Cristina da Silva³

RESUMO

Este estudo corresponde a um subprojeto de uma pesquisa maior, em andamento, intitulada: “Livros didáticos de alfabetização do PNLD 2022 e 2023: O que revelam as imagens? O subprojeto, em andamento tem como objetivo compreender as representações étnicas negra, indígena e asiática nas imagens do livro Porta Aberta destinado à educação infantil. A fundamentação teórica e metodológica é baseada nos seguintes autores: Munanga (2005) e Arantes (2022). Como metodologia analisamos o livro didático da educação infantil Porta Aberta volume 2, destinado a crianças pequenas de 5 anos escrito por Isabella Carpaneda. Após análise foram selecionadas imagens relacionadas à pessoas ou representação de pessoas. Os resultados parciais de tal análise apontam que as imagens do livro estudado possuem pouca representatividade étnica e cultural e que apresentam um padrão humano com características físicas europeias. Tendo em vista que atualmente existe grande debate em relação à representatividade étnico-racial em vários âmbitos sociais e em especial nas escolas, pois afeta integralmente as crianças que são majoritariamente diferentes do padrão Europeu, reconhecemos a relevância do referido estudo para o aperfeiçoamento de tal expressão pois acreditamos que a imagem pode ser uma propulsora de sentidos e formadora de identidades.

Palavras-chave: Livro didático, Educação infantil, Imagens, Representação étnica.

INTRODUÇÃO

O artigo em questão, corresponde a dados parciais de um subprojeto de pesquisa em andamento. A pesquisa maior, também em andamento foi intitulada: “Livros didáticos de alfabetização do PNLD 2022 e 2023: O que revelam as imagens?”. Este artigo tem como objetivo compreender as representações étnicas negra, indígena e asiática nas imagens do livro Porta Aberta, destinado à Educação Infantil. Somente a presença do livro didático na educação infantil já é motivo de debate, pois de acordo com a BNCC

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. (Brasil 2018)

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Pedagogia pela UFRPE - BIA/FACEPE e voluntária do PET Conexões de Saberes - Práticas de Letramentos inayaholanda08@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura Pedagogia da UFRPE, eunice.florentino@ufrpe.br;

³ Orientadora - Professora Doutora, Departamento de Educação da UFRPE, fabiana.cristina@ufrpe.br.

Sendo assim, refletimos sobre como o livro didático pode ser um propulsor para práticas mais diversificadas e construtoras de uma identidade? Contudo, em algumas escolas municipais do Recife no ano de 2023 o livro didático foi aceito como objeto de trabalho nas salas de aula na educação infantil.

É importante destacar, que mesmo nos dias atuais, após mais de um século da abolição da escravidão no Brasil, por exemplo, o racismo nas escolas e em nossa sociedade, continua muito presente. Assim como o silenciamento e apagamento na história dos povos originários ainda persiste no contexto social como um todo.

Nesta perspectiva, buscamos entender: de que forma as imagens contidas no livro didático *Porta Aberta* para a educação infantil tem representado os diferentes grupos étnicos e raciais? As crianças que fazem uso do livro conseguem encontrar auto-identificação nessas imagens? Como são tratados os diferentes grupos étnicos e raciais e suas respectivas representações? Como e se este livro didático auxilia os indivíduos a construir suas identidades?

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo, foi realizado a partir da análise do livro didático para educação infantil *Porta Aberta* destinado à crianças de 5 anos escrito por Isabella Carpaneda da editora FTD e publicado em 2023

O livro possui 192 páginas, mais capa e contracapa. Para facilitar o aprofundamento da pesquisa nós construímos uma tabela dividida por categorias analíticas, sendo estas: imagem de pessoas; total de pessoas brancas; fotos de pessoas brancas; ilustração de pessoas brancas; total de pessoas pretas; fotos de pessoas pretas; ilustrações de pessoas pretas; total de pessoas indígenas; fotos de pessoas indígenas; ilustrações de pessoas indígenas; imagens com pessoas asiáticas; fotos de pessoas asiáticas e ilustrações de pessoas asiáticas.

Inicialmente realizamos um estudo quantitativo contabilizando as vezes que cada grupo étnico aparecia no livro. Com essa primeira categorização dos dados levantados, realizamos uma análise mais detalhada dessas representações.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. O racismo nas escolas

A Lei nº 7.716/89 diz em seu Art. 1º que “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.”. Porém é fato, que no Brasil, as pessoas de pele preta, parda e de descendência indígena ainda sofrem ataques racistas diariamente, ataques que estão sujeitos a ocorrer em qualquer lugar ou a partir de qualquer canal, como por exemplo a internet.

De acordo com os dados levantados por uma pesquisa realizada pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), contratada pelo Projeto SETA e pelo Instituto de Referência Negra Peregum, em agosto do ano de 2023, destacaram-se as respostas de pessoas que em suas experiências pessoais relataram ter vivido racismo principalmente no ambiente escolar com 38% de todas as respostas.

Mas, como o ambiente escolar, que deveria ser de acolhimento e trocas de saberes se tornou um local tão opressor? Necessariamente os estigmas e padrões da sociedade são refletidos nesses ambientes e os educadores e educandos, se continuarem a presenciar e ficar em contato com discursos que destacam atitudes racistas, acreditamos que irão repetir o ciclo vicioso em que a nossa sociedade está inserida.

Com isso, destacamos aqui o papel do livro didático no reforço (ou não) desses estigmas. A Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia Ana Célia da Silva afirma;

Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotípi e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas. A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média. (Silva, 2005)

Tal informação demonstra os desafios encontrados pelos povos considerados subalternizados quando se trata da representatividade e enfatiza o apagamento histórico social dos mesmos.

2. Construção de identidade a partir da auto identificação e a relevância disso na Educação Infantil

É na educação infantil que a criança começa a formar sua identidade, reconhecer que possui um lugar no mundo e como quer ocupar esse lugar. Entretanto, ela não o faz sozinha, os adultos responsáveis - sendo estes os educadores - por mediar os avanços cognitivos, o meio social e os objetos com os quais a criança tem contato, influenciam diretamente em como será construída essa identidade. Com isso, trazemos aqui a fala de Kabengele Munanga que declara que

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz este povo na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição [...]. (Munanga, 2005)

E de Ana Silva que acredita que

Todas as aparições do negro nos livros aqui citadas podem conduzi-lo a auto-rejeitar-se, bem como ao outro seu assemelhado. As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela, procurando a “salvação”no branqueamento. (Silva,2005)

Ou seja, existe uma necessidade de apresentação e representação do tema às crianças para que haja uma auto identificação e também, para que a educação seja antirracista, contribuindo para o apagamento de atitudes e ataques racistas. Sabemos que essa construção iniciada na educação infantil perdura até a vida adulta, podendo ser relatada com experiências positivas ou negativas. Um exemplo disto é um relato da conhecida e renomada escritora feminista e antirracista Bell Hooks, que em seu livro “Ensinando a Transgredir” relata vivências da educação infantil e nos mostra como os ensinamentos antirracistas de suas professoras foram importantes para formar quem ela é hoje. Em seu livro, a mesma afirma que

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores de setor cultural - negros que usavam a "cabeça". Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formulações essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. (Hooks 2013)

E apesar de, após entrar no ensino médio e superior, ter se deparado com ambientes discriminatórios e patriarcais, foi esta vivência com as professoras na educação infantil que a fez lembrar e persistir em seu propósito de vida.

Outro relato é o da professora doutora Adlene Silva Arantes que declara:

Na minha infância, por exemplo, os únicos personagens negros que conheci foram o Saci Pererê e o Negrinho do Pastoreio. Nenhuma princesa ou príncipe negro fez parte do meu universo infantil de leituras. Só conheci princesas e príncipes brancos. Cresci achando que não existiam princesas negras, heróis ou heroínas negras. Somente na minha trajetória profissional como docente é que fui apresentada a livros de literatura com personagens negros e negras, como *Menina bonita do laço de fitas*, de Ana Maria Machado, e *O menino marrom*, de Ziraldo. Obras históricas, por serem os primeiros livros a representar os negros, associando-os a atributos como a beleza. (Arantes, 2022).

Este relato não só deixa claro a necessidade de representações, como também a importância da atenção para a forma como são feitas essas representações.

3. Educação antirracista no combate ao racismo e na construção de identidades na Educação Infantil

Como já discutido anteriormente, a necessidade de uma educação antirracista é algo que deve ser atentamente observado e assumido nas escolas e que de fato “[...] o sentido da pedagogia decolonial se forja na perspectiva de intervir na reinvenção da sociedade, na politização da ação pedagógica, propondo desaprender o aprendido e desafiar as estruturas epistêmicas da colonialidade” (Walsh 2018).

Mas como podemos atingir uma educação antirracista? Primeiramente, para que um educador possa construir um espaço antirracista, é necessário decolonializar a si mesmo, desconstruir estigmas da sociedade e reconstruir novos olhares e depois, transformar tudo isso na sala de aula.

Com isso, retornamos ao fato de que a presença de representatividade é um grande passo para a construção da identidade e para gerar a quebra de um ciclo contínuo presente na sociedade. Porém, essa representatividade é quase escassa no dia a dia e quando se tem, em muitos casos são representatividades que inferiorizam e estereotipam esses grupos. Algo muito presente nas escolas é a “prática das datas comemorativas” em que só se fala daquele determinado assunto se for naquela data específica. Acreditamos que essas datas possuem sua importância, mas assuntos como identidade racial devem ser tratados diariamente e devem estar presentes não

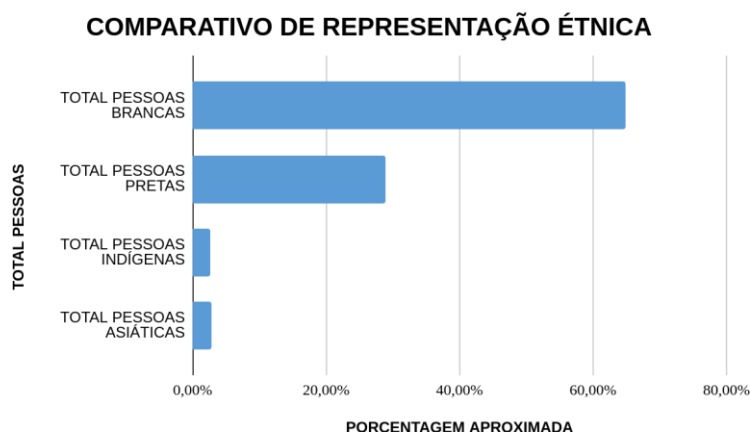
apenas no dia 20/11⁴ mas em todos os momentos, discursos e espaços escolares. E qual o objeto mais utilizado em espaços escolares se não o livro didático? É dentro desta perspectiva que se insere a importância deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conhecimento de que no Brasil, é necessária uma autodeclaração por parte do indivíduo em relação à sua cor, raça ou etnia, na análise do documento, livro didático, consideramos essas características a partir de um padrão já estabelecido em nossa sociedade. Logo no início da análise, procuramos contabilizar quantas representações imagéticas de pessoas aparecem em todo o livro. O livro Porta aberta possui no total 192 páginas mais capa e contracapa e 396 *imagens* podem ser visualizadas ao longo do livro, deste quantitativo, conseguimos perceber um total de 335 *representações de pessoas*.

Após esse dado, conseguimos separar cada um dos grupos étnicos e analisar a frequência com que eles apareciam, ao realizar este quantitativo obtivemos o resultado conforme Gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Comparativo de representação étnica



Posto isso, percebemos a desproporcionalidade de representação de um grupo étnico específico em relação aos outros. Este dado pode ser considerado preocupante por um grande motivo: estes livros foram adotados pelas escolas municipais do Recife - PE, onde estuda

⁴ Dia da consciência negra no Brasil

majoritariamente uma população de crianças pretas e/ou descendentes de indígenas. Logo, começamos a nos questionar como essas crianças poderiam se identificar nessas imagens?

Além disto, também analisamos a forma como estão representados esses grupos e os dividimos em duas categorias: foto (quando se tratava de uma imagem com pessoa real) e Ilustração (quando se tratava de representação de seres humanos feita por meios gráficos). Ao fazer esta divisão obtemos os seguintes resultados. Em relação ao grupo étnico de pessoas brancas:

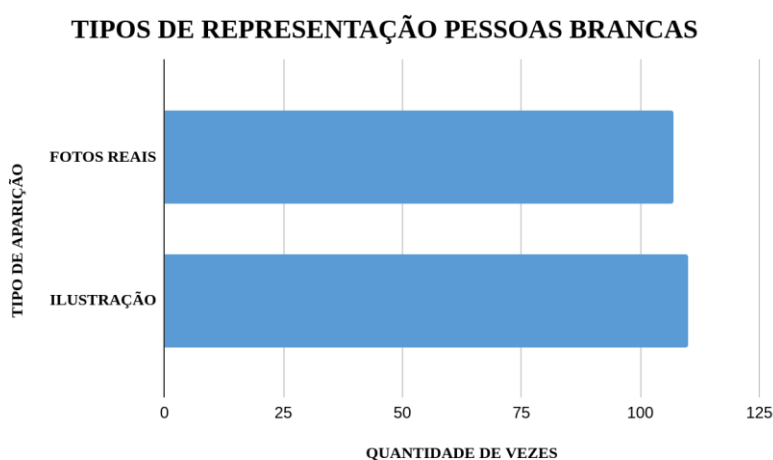
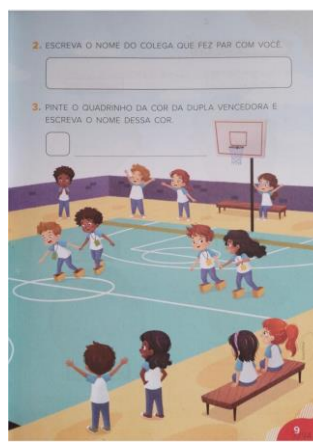
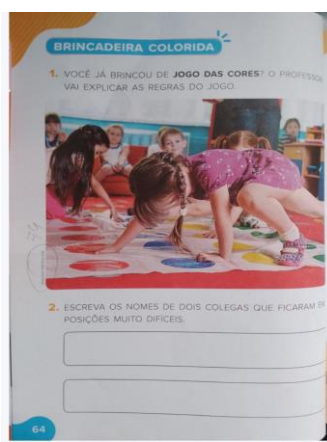


Gráfico 2: Tipos de representação de pessoas brancas

Figura 1: Exemplo de representação pessoas brancas

Em relação ao grupo étnico de pessoas pretas



TIPOS DE REPRESENTAÇÃO PESSOAS PRETAS

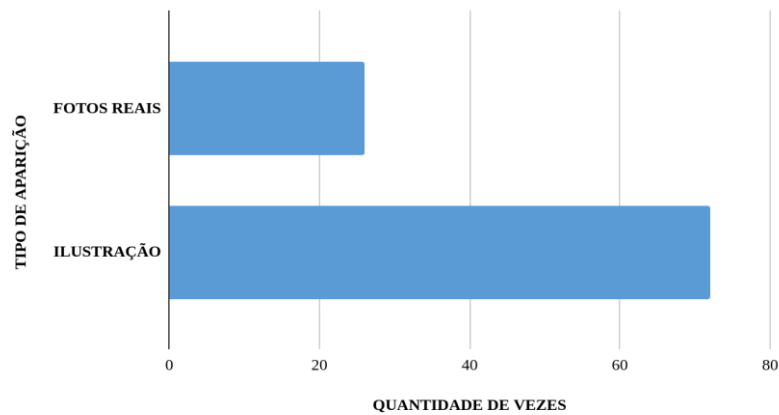
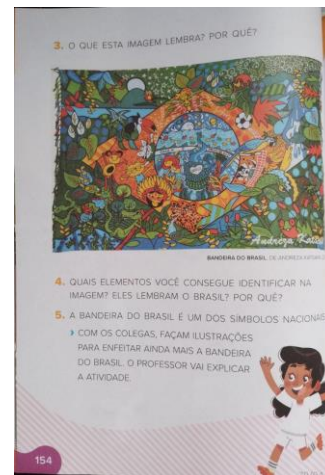


Gráfico 3: Tipos de representação de pessoas pretas

Figura 2: Exemplo de representação de pessoas pretas



Em relação ao grupo étnico de pessoas com características indígenas

Gráfico 4: Tipos de aparição de pessoas indígenas

TIPOS DE REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS INDIGENAS

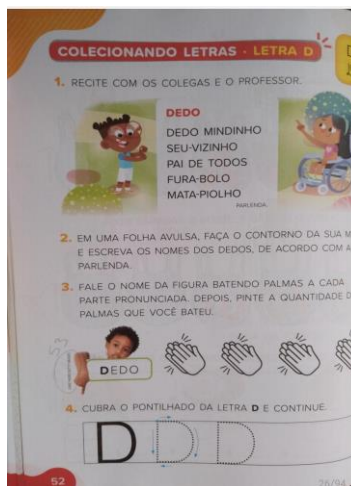
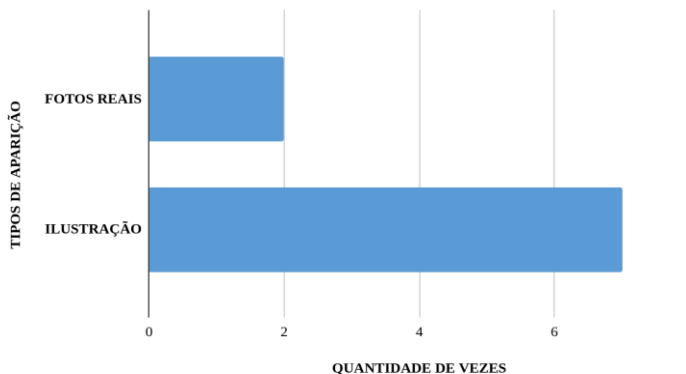


Figura 3: Exemplo de representação de pessoas indígenas

Em relação ao grupo étnico de pessoas asiáticas

Gráfico 5: Tipos de aparição de pessoas asiáticas

TIPOS DE REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS ASIÁTICAS

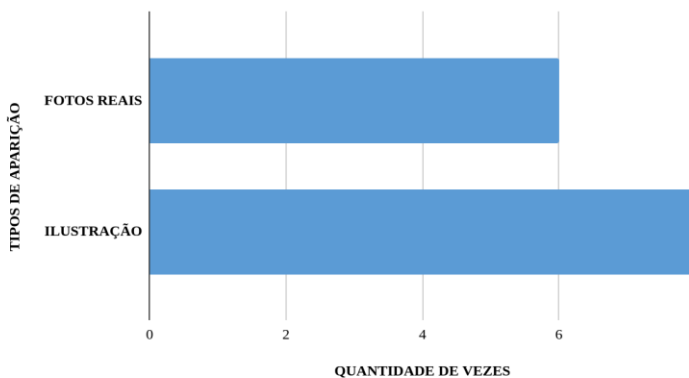


Figura 3: Exemplo de representação de pessoas asiáticas



Com a análise percebemos, duas questões importantes: 1- os gráficos vão gradativamente reduzindo em quantidades de aparições; e 2- Enquanto o grupo étnico formado por pessoas de pele branca está majoritariamente representado por Fotos (Imagens de pessoas reais), os outros dois grupos estão mais representados por Ilustrações, e este fato nos leva ao próximo resultado: algumas representações que não conseguimos compreender à qual grupo étnico pertenciam, portanto, foi necessário criar uma nova categoria, os não identificados. Acontece que todas as representações que entraram nesta categoria eram desenhos como no exemplo da Figura 5.

Figura 5: Exemplo da categoria não identificados



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados apresentados ao longo deste trabalho, torna-se urgente a necessidade de reavaliar a existência e o conteúdo dos livros didáticos nas turmas de Educação Infantil. O questionamento inicial sobre a coerência do uso desses materiais já faz a nossa atenção se dirigir para uma indagação central: de que forma os livros didáticos podem afetar a formação das crianças em seus primeiros anos de educação?

Ao analisar a representatividade no contexto dos livros didáticos, conseguimos observar uma predominância notável de imagens representando pessoas brancas, uma realidade que pode ser um reforço para estereótipos e vir a distorcer a compreensão das crianças sobre a diversidade que existe em nossa sociedade e sobre sua própria imagem. A presença de estereótipos, identificados por Silva (2005), adiciona uma camada a mais de complexidade, indicando que não se trata apenas da ausência de representação, mas também da presença de narrativas estigmatizadas e, por vezes, distorcidas.

Mais um ponto de preocupação é a utilização de "gravuras" em detrimento de representações de pessoas reais, se tratando daquelas pertencentes a grupos subalternizados. Isso afeta diretamente na auto identificação da criança, pois a falta de figuras semelhantes a criança, pode influenciar negativamente na construção da autoimagem delas e também as limita do conhecimento de variadas realidades culturais, sociais e étnicas.

Concluimos assim que o tema da representatividade deve ser enfatizado no debate acadêmico da formação inicial e continuada de professores e tornar-se uma prioridade no meio escolar, especialmente nos materiais didáticos destinados à Educação Infantil. Pois a falta de representatividade e diversidade nos livros didáticos não é apenas uma falha educacional, mas também um retrato da necessidade de uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível em nossas práticas pedagógicas. Em última análise, a revisão e a reconstrução dos livros didáticos para a Educação Infantil não são apenas uma questão de inclusão simbólica, mas surgem como uma necessidade urgente para podermos construir em um ambiente educacional que promova a aceitação da diversidade, assim contribuindo para a formação de uma sociedade composta por cidadãos críticos, respeitosos e conscientes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus, que possibilitou meus objetivos de serem alcançados, e me ajudou a ultrapassar as barreiras e obstáculos que se levantaram;

Em segundo lugar, agradeço às minhas queridas mãe e irmã que estiveram ao meu lado em todos os momentos bons e ruins;

Em terceiro lugar, quero agradecer à minha estimada professora e orientadora Fabiana Cristina da Silva por ter sido um grande suporte para mim e para que este trabalho fosse concluído;

E por fim, agradeço à Facepe que financiou e possibilitou a construção e publicação deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Adlene Silva. **Literatura infantil com personagens negros: intenções na extensão universitária**. 1. ed. Recife: EDUPE, 2022. v. único. 136

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Lei nº 7716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 jan. 1989. Seção 1, p. 522-3.

Inteligência em Pesquisa e Consultoria. **Percepções Sobre Racismo no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 18/11/2023

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. São Paulo: Cortez. 2005.

SILVA, Ana Célia. **A desconstrução da discriminação no livro didático** In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. São Paulo: Cortez. 2005, p.21-37.



WALSH, C., Oliveira, L. F., & Candau, V. M. (2018). Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Arquivos analíticos de políticas educativas*, 26(83).